

Buscando entender os moradores das Ocupações Urbanas da RMBH

Tiago Castelo Branco Lourenço

Arquiteto, Urbanista, Historiador e Maquetista
Mestre em Arquitetura pela Escola da Arquitetura da UFMG
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Centro Universitário Izabela Hendrix

Introdução

Nos últimos anos, a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) foi palco de diversas ocupações urbanas em terrenos que estavam ociosos e em que moram hoje quase 10 mil famílias. A maioria dessas ocupações foi organizada por movimentos sociais, e mesmo as que se formaram por iniciativa dos moradores contam com o apoio desses movimentos.

Em todas as ocupações, movimentos sociais e moradores entraram em contato com profissionais de arquitetura, urbanismo e engenharia à procura de apoio técnico para a elaboração de planos e projetos. Nas ocupações Dandara, Eliana Silva e Emanuel Guarani Kaiowá, fui convidado a participar como arquiteto e urbanista, coordenando o grupo de técnicos e estudantes responsável pelos planos urbanos e pelos projetos de arquitetura para edifícios coletivos¹. O perfil social dos moradores dessas ocupações urbanas e suas motivações para participar deste tipo de ação política, a partir de minha experiência como assessor técnico, é objeto do artigo aqui apresentado².

Delimitações conceituais

Antes de apresentar os moradores das ocupações Dandara, Eliana Silva e Emanuel Guarani Kaiowá, objeto central deste artigo, é importante esclarecer alguns conceitos que foram manipulados nesta interpretação. Início com a questão: Porque entendo os moradores como representantes da ralé estrutural?

¹ Minha atuação na Ocupação Dandara se iniciou no âmbito do Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em 2009. Nessa ocasião foram desenvolvidos o plano urbano, o estudo de esgotamento sanitário e o projeto de arquitetura do Centro Comunitário Dandara, sob orientação dos professores Margarete Maria de Araújo Silva (Leta) e Rogério Palhares.

² Este artigo foi orientado pela professora Silke Kapp dentro do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG, dele originou um dos capítulos da dissertação “Cidade Ocupada” defendida por mim no dia 22/07/2014 dentro do referido programa. A dissertação foi também orientada pela mesma professora.

O conceito de *ralé* estrutural é mais abrangente do que o conceito de pobre, porém, eles se assemelham. Contudo a *ralé* estrutural envolve elementos característicos de uma realidade social que perpassa inclusive a construção das tradições da identidade brasileira. A *ralé* estrutural é somente um corpo a ser explorado, o tratamento dispensado pela sociedade contemporânea a esta classe da sociedade brasileira se assemelha ao tratamento reservado no passado aos escravos, estes não eram vistos como seres humanos, quando muito, era vistos como um espécime inferior. A *ralé estrutural*, apesar da modernização econômica, social e política a que o Brasil já vivenciou e vivencia, ela ainda é uma realidade que faz parte do cotidiano do país. Jessé Souza define esse sujeito da realidade brasileira em seu livro homônimo:

O processo de modernização brasileiro constitui não apenas as novas classes sociais modernas que se apropriam diferencialmente dos capitais cultural e econômico. Ele constitui também uma classe inteira de indivíduos, não só sem capital cultural nem econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida, esse aspecto é fundamental, das condições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação. É essa classe social que designamos neste livro “*ralé*” estrutural, não para “ofender” essas pessoas já tão sofridas e humilhadas, mas para chamar a atenção, provocativamente, para nosso maior conflito social e político: o abandono social e político, “consentido por toda a sociedade”, de toda uma classe de indivíduos “precarizados” que se reproduz há gerações enquanto tal. [...] (Souza, 2011, p. 21)

Existem entre os moradores das ocupações pessoas que também se encaixariam dentro do que Jessé Souza define como Batalhadores:

[...] uma classe social nova e moderna, produto das transformações recentes do capitalismo mundial, que se situa entre a ‘*ralé*’ e as classes média e alta. Ela é uma classe incluída no sistema econômico, como produtora de bens e serviços valorizados, ou como consumidora crescente de bens duráveis e serviços que antes eram privilégio das classes média e alta. (Souza, 2010: 26)

Dentre os moradores das ocupações urbanas predominam a *ralé* estrutural, aqueles que se enquadram entre os batalhadores ocorrem mas, não são a maioria. Aqueles que

podemos classificar como batalhadores assumem papéis mais relevantes dentro da ação política, alguns coordenadores se enquadram nesta categoria social.

Morar de maneira precária uma história de longa duração

Para entender os moradores das ocupações urbanas pesquisadas é importante iniciarmos buscando as suas origens. Uma boa parte daqueles que moram nestas ocupações urbanas são provenientes de outras maneiras precárias de morar, demonstrando que temos entre essas pessoas uma experiência de vida que atravessa gerações.

São vários os relatos que indicavam que os moradores das ocupações pesquisadas já viviam em situações de precariedade há gerações. Jéssica Vidal, moradora da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá, nasceu em Belo Horizonte, mas sempre morou com seus parentes na Vila Pérola, favela vizinha a ocupação na cidade de Contagem, segundo a entrevistada: “Já vim da maternidade para a favela”. A entrevistada tem 24 anos, mas afirma que a Vila Pérola é uma favela antiga, seus avós foram os primeiros familiares que vieram morar no lugar, quando ele ainda estava começando, assim como outras pessoas que vieram da “roça” para trabalhar na “cidade grande”, os seus parentes vieram da área rural de São Gonçalo do Rio Abaixo.

A moradora da Ocupação Dandara, Ana Silva Nascimento Bento, já havia participado de outra ocupação que ocorreu na região nos anos 80, ela e seu falecido marido participaram da ocupação da Vila São Francisco, vizinha da Ocupação Dandara, ela relatou como foi:

Eu morei na Vila São Francisco, ela foi invadida também, a mesma coisa. Não tinha água da Copasa, não tinha nada. Nós pegávamos água na cabeça. Tinha uns que tinham cisterna, outros não. Era tudo na lona, a mesma coisa daqui da Dandara. (Bento, 2014, entrevista)

Outra moradora da Ocupação Dandara, Luciana da Cruz, relatou a sua trajetória pessoal, demonstrando o seu habitus em morar em situações precárias. Ela morou na escadaria da Igreja São José no centro de Belo Horizonte, após esse período morou no acostamento da rodovia MG-20, estrada que liga Belo Horizonte a Santa Luzia. Antes de ir morar na Ocupação Dandara ela morava com a filha pequena no bairro Novo Aarão Reis, o mesmo bairro onde passou parte de sua infância e adolescência, este também fruto de uma ocupação nos anos 80.

Eu morava no bairro Novo Aarão Reis, que também é fruto de uma ocupação. Quando eu fui morar neste lugar, eu tinha 4 anos. Antes a gente fez uma peregrinação, moramos na escadaria da Igreja São José, depois moramos no acostamento da BR MG-20, na estrada velha de Santa Luzia, para depois entrar no terreno que hoje é o bairro Novo Aarão Reis. Aí, eu morava na casa da minha mãe. Foi lá que eu tive minha primeira filha. Depois do nascimento dela eu fui morar no Novo Aarão Reis mesmo, mas só que na beira do Córrego do Onça. Eu comprei um barracão, porém, era um cômodo de 3x3 e um banheiro, como era tudo muito junto, eu não tinha como aumentar, não podia aumentar para cima, porque já tinha vizinhos. Os vizinhos de cima, já tinham feito a casa deles, e a altura do telhado da minha casa, dava no alicerce da casa do meu vizinho de cima. Então minha parede era colada com o alicerce do vizinho. Então não era uma casa legal para poder morar, fora que tinha a ameaça da chuva. Toda vez que chovia entrava água nas casas vizinhas, na minha, graças a Deus, nunca entrou, mas a gente ficava com aquele medo. Rato! Lá tinha rato do tamanho de gato, às vezes, eu ficava acordada durante a noite, porque eu tinha medo que eles mordessem minha filha. (Cruz, 2014, entrevista)

Outros moradores das ocupações moravam de favor na casa de parentes e não tinham condições financeiras de acessar institucionalmente outras possibilidades de moradia. Esse é o caso do morador da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá, Misael Rubens Moreira (Moreira, 2014, entrevista), ele relatou que morou durante 15 anos num cômodo dentro da casa de seus pais num bairro próximo ao local em que aconteceu a ocupação em Contagem, morava ele, sua esposa e dois filhos.

Caso semelhante é do casal Wagner Vieira Lima e Felter Rodrigues dos Santos, eles moravam na casa dos pais de Felter, a decisão de sair desta situação e ir morar na Ocupação Dandara foi dela, conforme ele relatou em entrevista:

Eu estava tentando convencer meu pai a construir no seu terreno, quando ela falou em morar na ocupação, eu fiquei meio perdido, se saíssemos e fosse preciso voltar ia ser difícil. A minha família é resistente a esse tipo de coisa. Se der errado a gente vai para o aluguel

de novo, caso não der certo eu não sei para onde a gente vai. (Lima; Santos, 2014, entrevista)

Outro perfil de morador que encontramos nas ocupações são aqueles que já tiveram acesso a indenizações por remoção de assentamentos precários na cidade. O valor financeiro obtido com a indenização na maioria dos casos não permite que essas pessoas comprem imóveis dentro dos meios institucionalizados, a ocupação urbana é uma alternativa que se apresenta como viável para que essas pessoas tenham acesso a moradia, conforme aponta Maria da Conceição Menezes, sobre a apreensão de uma moradora da Ocupação Dandara na ocasião em a Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte (URBEL) ia realizar um cadastramento dos moradores:

A moradora me disse: “Sãozinha, o quê que eu vou fazer? Eu já sou indenizada da Urbel. Quando fui indenizada foi aqui que eu consegui achar alguma coisa, será que eles vão me mandar embora daqui?” Aí, como é que você fala? Que a pessoa está errada de estar ali? (Menezes, 2014, entrevista)

Esses depoimentos evidenciam que essas pessoas têm uma trajetória que se estende por várias gerações de morar de forma precária, configurando uma classe social submetida a desigualdades sociais por gerações.

Motivos para morar em uma ocupação urbana

O conceito de habitus proposto por Bourdieu (2008) define que este é uma propensão a se realizar práticas que se apresentam como naturais para aqueles que a realizam, porém, ele é constituído a partir de vivências que se dão desde a inserção social do indivíduo no mundo, não são naturais. O habitus por ser constituído como parte do próprio indivíduo, ela se apresenta como algo necessário, uma necessidade que se torna uma virtude (Santos, 2004: 20).

Para os moradores das ocupações urbanas, esta condição é evidente, a carência que se manifesta na falta primordial de um lugar para morar, coloca a luta pela moradia como algo virtuoso, ultrapassando sua dimensão de necessário.

A moradora da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá, Deusiana da Silva Lucas, expõe a dificuldade em conseguir um imóvel para seus filhos já casados. A experiência de morar em uma ocupação se apresentou como uma alternativa possível para conseguir essa

moradia, através de muito sofrimento, porém, um sofrimento “gostoso”, a dificuldade da conquista da casa é um tempero importante nesta conquista:

Eu entrei aqui pra ajudar e beneficiar a minha família, beneficiar pessoas que precisam, que moravam de aluguel, que moravam amontoados na casa de sogra, então esse lote que eu estou nele é dos meus filhos, e não tem dinheiro para pagar o que eu estou sofrendo, a gente sofre no meio do mato, sofre na chuva, mas sempre eu falo, é um sofrimento gostoso. Porque o que a gente passou aqui você não faz idéia, entramos no mato, perigo de tomar picada de cobra, de escorpião, tinha um monte de bicho aqui dentro, nós dormíamos em barraca, com medo de acordar picado. Nós tomamos sol, tomamos chuva, acordávamos 5 horas da manhã para poder ir a portaria e assinar a presença, porque você quando sofre, quando batalha para ter o que você ama, com suor a conquista tem um outro gosto. (Lucas, 2014, entrevista)

A propriedade é outro elemento que é apresentado como uma necessidade. Esta pode para um desavisado parecer uma instituição típica do capitalismo, ela de fato é uma das importantes bases deste sistema, porém, ela já existia antes do capitalismo, Hannah Arendt chama a atenção para este fato, desde a antiguidade ter propriedade era uma garantia de ser classificado socialmente como um indivíduo diferenciado, ter uma propriedade era um sinal de ter superado as condições primordiais de existência, permitindo ao sujeito ser livre:

[...] a vida pública somente era possível depois de atendidas as necessidades muito mais urgentes da própria existência. O meio de atendê-las era o labor e, portanto, a riqueza de uma pessoa era muitas vezes computada em termos do número de trabalhadores, isto é, de escravos, que ela possuía. Nesse contexto, a posse de propriedades significava dominar as próprias necessidades vitais e, portanto, ser potencialmente uma pessoa livre, livre para transcender a sua própria existência e ingressar no mundo comum a todos. (Arendt, 2000: 75)

Dentro da formação da sociedade brasileira o acesso a propriedade se confunde com a casa, ela é necessária para conferir ao sujeito essa condição de ser livre e transcender sua própria existência (Cavalcanti, 2008: 248).

Essa dimensão do significado da propriedade é importante para entendermos as motivações dos moradores nas ocupações urbanas, morar de “favor” como é o caso de várias

peessoas que se envolvem neste tipo de conflito é algo que confere ao sujeito uma situação desconfortável, evidenciando esse papel da “casa” como elemento que confere ao sujeito uma conquista que vai muito além da propriedade, superando também as expectativas do próprio projeto político apresentado pelos movimentos e ativistas sociais.

O casal Wagna e Felter, moradores da Ocupação Dandara, moravam de “favor” na casa dos pais de Felter, a Wagna como companheira dele, se sentia humilhada nesta situação, afinal ela não tem laços de sangue com aquelas pessoas, a proteção dos entes familiares para a família de Felter não se estendia completamente a ela. Uma das falas lembradas por Wagna dentre várias discussões entre os dois para decidir morar ou não na Ocupação Dandara é uma evidência desta situação:

Eu disse que ia construir minha casa aqui, se ele quisesse vir que viesse, se não quisesse que ficasse fica morando na casa da mãe dele, porque chega de humilhação, o Felter sabe que eu era muito humilhada na casa dos pais dele, eu não tinha direito a nada, eu não tinha direito a uma visita na minha casa. (Lima; Santos, 2014, entrevista)

Outra motivação que conduz muitos moradores a participar de uma ocupação urbana é uma disposição para a contravenção, a ocupação é visto por muitos deles como crime, viver na contravenção é algo que faz parte do cotidiano desta população, já que dentro dos meios institucionalizados essa população encontra grande dificuldade em se incluir.

O tráfico de drogas é um dos caminhos escolhidos por vários desses indivíduos que moram nas periferias brasileiras, entre os moradores das ocupações existem aqueles que em algum momento da vida já se envolveram com este tipo de comércio considerado ilícito, mesmo aqueles que não se envolveram toleram esse tipo de atitude, por entender que esta situação advém do desejo de inclusão nas inúmeras possibilidades de consumo oferecidas por essa sociedade.

A advogada criminalista Fernanda Vieira de Oliveira, militante das Brigadas, acompanha um pouco mais de perto essas situações dentro das ocupações que a organização política conduz, entretanto, é importante destacar que em outras ocupações que tive a oportunidade de acompanhar e não são objetos desta pesquisa essa é uma condição que esta presente, ela observa que algumas das lideranças nas ocupações já estiveram envolvidas com o tráfico de drogas, onde elas constroem uma percepção da injustiça que caracteriza a desigualdade social do capitalismo, é vêem na contravenção uma possibilidade de resistir a

essa situação, apesar dessa resistência se dar dentro de uma atividade que reafirma o mesmo sistema injusto:

Porque algumas das lideranças de muitas ocupações urbanas em algum momento da vida, já estiveram no tráfico. E o tráfico deu a elas essa percepção da injustiça econômica. Da crueldade econômica do processo. Porque muitas estiveram no tráfico por um período e saíram, elas começaram a trabalhar e não conseguiram sequer ganhar suficiente para comprar uma casa. Então isso esfregou na cara delas que não é ser honesto e trabalhador que vai te dar seu teto na cabeça. Se você não brigar por ele, você não vai ter casa. Isso tem um papel fundamental entre aqueles que já traficaram, mas também entre os demais moradores. [...] Porque se você pudesse escolher você iria lá à Caixa Econômica, levaria seus papeizinhos e conseguiria um financiamento. Com seus aborrecimentos, mas você não teria helicóptero voando em cima da sua cabeça, sem o medo de ser despejado a toda hora. Você teria sua propriedade ali, tranqüila. Ninguém iria dizer que você é vagabundo. (Oliveira, 2014, entrevista)

Essa ética tolerante com a contravenção descrita pela entrevistada é compartilhada por vários moradores que moram nas ocupações pesquisadas. André Luiz Gomes Silva e Érica Coelho Espescht, são um casal de moradores da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá, ele é anarquista e ativista social, ela é militante das Brigadas, os dois estranham essa ética tolerante com a contravenção, eles citam situações dentro da ocupação que ainda não conseguem entender plenamente, já que são provenientes de famílias de classe média e moram na ocupação por não conseguirem também ter acesso a meios institucionais para adquirir a casa própria, André manifesta sobre essa postura dos moradores: *“Ele não é traficante, mas ele faz gato, ele compra uma coisa que o cara roubou um pouco mais barato, mas ele sabe que é roubado”* e Érica completa: *“É, compra mais barato, faz vista grossa. Ele nunca vai denunciar alguém, por mais que ele possa falar que sim.”*

Além destas questões mais sutis que motivam a participação dos moradores na ocupações urbanas, a dificuldade de acessar a moradia pelas vias institucionalizadas é o que predomina entre as falas dos moradores das ocupações.

É o caso de José Marques, ele morou na Ocupação Dandara durante dois anos, no final de 2011 ele vendeu a benfeitoria que havia construído e se mudou com a companheira para um terreno que havia negociado com o dinheiro apurado. Algum tempo depois ele

retornou para a ocupação é conseguiu um lote nas margens do córrego que atravessa o terreno, Júnio César dos Anjos conta a trajetória desse morador:

Ele tinha o lote dele, num lugar regularizado, vendeu, achou que iria conseguir alguma coisa fora. Aparentemente não conseguiu. Foi pagar aluguel, o dinheiro que ele tinha acabou, ele não teve condição de pagar aluguel, porque ele é aposentado e tem um bocado de menino para criar, teve que voltar para a Dandara. Dandara é uma mãe! Abriga todo mundo. (Anjos, 2014, entrevista)

Outro tipo de morador que encontramos nas ocupações urbanas são pessoas que vieram de outras cidades, até mesmo de outros estados, para tentar viver numa cidade como Belo Horizonte ou Contagem, que se apresentam para esses como um local com muitas e melhores possibilidades de trabalho. É o caso de um baiano citado por Júnio que mudou-se para Belo Horizonte quando viu no noticiário que estava ocorrendo a Ocupação Dandara, era uma oportunidade para conseguir uma moradia num lugar com melhores condições de trabalho:

No caso da Dandara, tem gente até da Bahia. Um vizinho meu pela televisão, em uma reportagem e brotou por aqui. Na Dandara tem baiano “a rodo”. Esse meu vizinho apareceu acho que dois meses depois, está morando até hoje. Ele diz que na Bahia, não tinha trabalho, a era muita mão de obra e pouca remuneração, a vida para ele lá estava difícil. Ele viu na ocupação, uma forma de melhorar de vida. (Anjos, 2014, entrevista)

O motivo mais destacado entre os moradores é o pagamento de aluguel, este é consome boa parte dos salários, morar em uma ocupação urbana significa a economia de boa parte dos ganhos mensais. Nos primeiros meses essa economia é investida na construção dentro do terreno, posteriormente passa a permitir o acesso a outras benfeitorias através deste dinheiro economizado.

Algumas outras motivações se referem ao estilo de vida que predomina em nossas cidades. No Brasil as cidades são construídas de acordo com o modelo de “lotes sem edificação”, sendo este uma porção de terra com uma das suas laterais com acesso direto para uma rua. Os moradores das ocupações almejam esta situação quando trocam morar numa favela por morar numa ocupação.

Júnio C. Dos Anjos expõe que morar num lugar que tem rua significa para o morador visualizar um futuro em que ele possa adquirir um carro, esse bem é para ele um indicativo de uma vida mais próspera (Anjos, 2014, entrevista).

Além do espaço para o carro, a rua significa para esses moradores o acesso ao atendimento de outras necessidades, como a saúde. Maura Silva, moradora da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá, explica que sua mãe tem uma casa na Vila Pérola, porém, o local, por ter seu sistema viário todo constituído por becos, gera grande transtorno quando precisa ir ao atendimento em hospitais de ambulância, essas não conseguem chegar nas casas. Desde o início da ocupação ela se mudou para a casa da Maura, agora não fica tão sacrificada quando é necessário acionar estes serviços de transporte hospitalar (Silva, 2014, entrevista).

Sobre esta questão Orlando Soares Lopes, morador da Ocupação Dandara, relata a sua dificuldade de retorno para casa quando teve um infarto. Ele morava na Vila Bispo de Maura, o acesso a sua residência se dava por becos e escadas, a médica ao dar alta do hospital recomendou que ele não subisse escadas por um período, isto foi o motivo para uma grande apreensão. Quando questionado porque trocar a Vila Bispo de Maura pela Ocupação Dandara ele lembrou deste fato:

Eu morei lá (Vila Bispo de Maura) muito tempo e lá é um bom lugar de morar, mas onde eu morava era um beco. Morei muitos anos lá e não tive problemas, mas a única coisa ruim lá e que era um beco. E eu vim parar aqui por causa da rua, esse era o meu sonho. Para você ter uma idéia, onde eu morava era um beco e quando eu operei do coração a preocupação era a minha moradia, por que a primeira recomendação da médica era não subir escada por um bom tempo, quando ela me falou isso eu pensei eu não posso ir para casa, só para chegar em casa são 10 degraus. (Lopes, 2014, entrevista)

Podemos verificar pelas motivações que conduzem essas pessoas a morar numa ocupação urbana, que elas estão integradas ao sistema, mas em uma condição desprivilegiada (Lopes de Souza, 2005: 59), e percebem na ocupação urbana uma maneira de buscar acessar condições necessárias que elas não têm quando moram “de favor”, em uma favela ou pagando aluguel. Essa grande motivação de acessar privilégios “necessários” que perpassa a todas as demais é o que leva a muitas das frustrações dos movimentos e ativistas sociais com este tipo de ação política.

Um cotidiano pautado pelo imediato

A população que mora nas ocupações urbanas pesquisadas tem um traço nos seus procedimentos para soluções de seus problemas cotidianos que é o imediatismo, semelhante a característica apontada por Jêsse Souza na ralé estrutural:

[...] Um modo de vida rústico, marcado por uma baixa contenção dos impulsos, em que não só existe pouco poder de vigilância disciplinar sendo exercido por estâncias externas às pessoas, como a polícia, mas, e isso é o principal, em que a disciplina e o autocontrole não foram incorporados, não foram introjetados nas pessoas, passando a ser qualidades intrínsecas a elas. (Souza, 2011: 129)

Essa postura marcada por uma *baixa contenção dos impulsos* foi percebida por Érica Espeschit e seu companheiro André em um conflito ocorrido dentro da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá:

Os meninos dela são super calmos, são tímidos, não tem envolvimento com o tráfico e não resolvem as coisas pela violência, mas desde pequeno, tem uma naturalidade de verem certas coisas acontecendo, olhe o que ocorreu: o baiano (morador da ocupação) deu em cima deles, tipo para ficar com eles, a Érica (mãe) ficou “puta”, porque ele (baiano) estava fazendo uns roubos na comunidade, o pessoal dizia que ele estava fazendo uns roubos, um dia ele bebeu, a Érica discutiu com ele. A Érica foi falar que ele tinha roubado alguma coisa, ele disse: “Lógico que não!”; “Você fica dando de cima dos meus meninos”. Ele falou assim: “Você é uma piranha”. Uma briga assim e ela foi pegar um revólver para matar ele, os meninos ficaram putos, pegaram tijolos, e deram um “tijolada” na cabeça dele. Foi do nada, entendeu? Do nada, de uma hora pra outra. Os meninos que são calmos, de repente pegaram tijolo, e deram na cabeça dele até ele ficar inconsciente. (Silva; Espeschit, 2014, entrevista)

Esse baixa contenção dos impulsos que se manifesta neste imediatismo para a resolução de problemas fica evidenciada em situações limites como a vivenciada por Érica e André. Contudo, esse imediatismo é uma característica também salientada por outros

pesquisadores sociais, como Antônio Júlio Menezes Neto, ao lembrar que Frei Betto destacava que a classe média reivindica suas demandas por meio da política, enquanto para as camadas populares questões imediatas como água, luz, transporte são aquelas que os mobilizam (Menezes Neto, 2012: 48).

Essa diferença é também salientada por Jéssé Souza quando discute a preocupação desses setores médios com a corrupção, essa é uma preocupação que se vincula muito mais a “forma” do que com o conteúdo das decisões políticas, esse sim é o que preocupa os setores populares. (Souza, 2010, p. 249)

Esse imediatismo das camadas populares combinado com um pragmatismo em seus procedimentos leva a ocorrer dentro das ocupações situações *a priori* contraditórias, gerando conflitos entre os moradores como é o caso da existência de uma população “flutuante” que é tratada por alguns como oportunistas (Lopes de Souza; Teixeira, 2009: 62-63).

Maura Silva entende que os lotes vazios que ainda existem na Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá são uma especulação imobiliária promovida por alguns ocupantes, este fato pode até ser verdadeiro, porém a solução proposta por ela não é verificar com estas pessoas porque ainda não moram no lugar, mas sim chamar membros das gangues da região, que exercem o papel de polícia, para que possam remanejar os lotes que não foram ocupados e passá-los para pessoas que estão na fila de espera:

Eles todos nasceram com a gente, fomos criados juntos. Então todo mundo conhece. Então vem um e reclama. Vem o outro e reclama. Aí, eles acham que esse negócio não pode ficar assim. Quem não precisa do lote para morar, não precisa do lote. Estão fazendo a mesma coisa que o homem fez. É especulação também. Está esperando valorizar mais para poder vender. Aí, eles não querem isso. Porque tem muita gente que está na lista de espera e que fica reclamando que está pagando aluguel. (Silva, 2014, entrevista)

Essa insatisfação com aqueles que não constroem de imediato e são associados a especuladores imobiliários é recorrente entre os moradores.

Esse pragmatismo que busca soluções tangíveis se manifesta também na questão da rua numa ocupação para diferenciar dos becos na favela. A rua é mantida por motivos como os relatados anteriormente, porém, a sua manutenção é garantida pela clareza do limite do lote e a via pública, situação que para o morador Orlando não ocorre nas favelas:

E por que quando você vai para um lugar organizado igual esta aqui (Ocupação Dandara) você tem um limite, tem organização, tem que cumprir o que esta ali, por que nós temos planejamento, e quando eles ocupam espontaneamente eles não estão nem ai, não querem nem saber se aqui vai passar rua ou não vai passar mais ninguém. (Lopes, 2014, entrevista)

Essa situação de reconhecer o limite físico do lote é também evidenciada na fala de Maura Silva quando descreve a tentativa de ocupação do terreno da Emanuel Guarani Kaiowá, antes do envolvimento das Brigadas, ela demarcou um terreno no limite deste com uma das ruas que passava em seu entorno:

Cada um ia queria pegar um “pedação”. Eu por exemplo, peguei do lado da rua, porque eu queria morar na rua por causa da minha mãe. Nunca eu iria imaginar, que poderia fazer uma rua aqui dentro. Porque lá (Vila Pérola), também era grande e virou tudo bequinho. Imaginei que iria virar tudo bequinho, por isso eu peguei o meu lá na rua. Eu não iria imaginar que aqui dentro iria poder por uma rua. A gente não tinha nem imaginação. (Silva, 2014, entrevista)

Ainda sobre apropriação dos espaços pelos moradores, a questão das áreas verdes que estão presentes nos planos urbanos, é percebida como importantes somente dentro da perspectiva imediata do acesso a moradia. As áreas verdes são preservadas nos primeiros momentos porque existe um entendimento entre eles que ao preservá-la a ação terá uma visibilidade política positiva perante o restante da cidade. Com a consolidação das ocupações é observado a construção de moradias dentro dessas áreas. Esta demarcação de terreno é promovida pelos próprios moradores e não conta com o apoio dos movimentos e ativistas sociais. Na Ocupação Dandara, que já completou 5 anos e tem tido sucesso dentro da luta política, a área de preservação foi ocupada desde o ano de 2013.

Esta escolha sempre pelo necessário, pelo funcional geralmente característico das camadas populares (Bourdieu, 2008: 335) causa estranhamento para nós, movimentos e ativistas sociais, que geralmente somos provenientes da *pequena burguesia*, e não tivemos durante nossa vida de nos preocupar com essas questões práticas do cotidiano, já que elas sempre já estavam dadas. Este é o caso do comprovante de endereço, isto nunca foi um problema para mim e meus pares de classe, nunca pensei na relevância desta questão até o dia que lancei a numeração das casas da Ocupação Dandara, a emoção de cada morador ao saber o número de sua casa foi algo estranho para mim, julguei no momento como uma reação

exagerada. O morador da Ocupação Eliana Silva, Sandro Cabral, explica a importância do comprovante de endereço no cotidiano das pessoas:

Se a CEMIG viesse ligar a luz aqui, a gente teria endereço fixo. Não precisava ficar pegando endereço emprestado dos outros. Por exemplo, a escola ali, vizinha da ocupação, não queria aceitar as crianças daqui para estudar com o nosso endereço. Insistimos que seria com o endereço da Eliana Silva, no posto de Saúde está o endereço daqui e com a escola, não seria diferente. Sou morador da Eliana Silva. Não sou morador da Vila Santa Rita para buscar o comprovante de endereço da Vila Santa Rita, sou morador da Eliana Silva. Porque hoje tudo que você vai fazer, pedem o comprovante de endereço. Se você arruma um emprego tem que ter. Se vai comprar no crediário, carnê, tem que ter, então em tudo você tem que ter o comprovante de residência. (Cabral, 2014, entrevista)

Outra dimensão importante a ser observada entre os moradores das ocupações é a religiosidade. É predominante dentro destes lugares a presença das religiões “evangélicas”. Nestas religiões observamos práticas que também se vinculam ao imediatismo que caracterizam os comportamentos sociais dos moradores, a “salvação” que para os cristãos católicos virá após a morte, para uma boa parte dos moradores ela precisa de manifestações cotidianas, assumindo um caráter de magia, e promovendo transformações no presente (Souza, 2010: 269-308).

O militante do movimento “Lutas Populares”, Lacerda dos Santos Amorim, relata uma ocasião de violência dentro da Ocupação William Rosa, neste momento alguns pastores de igrejas pentecostais da região procuraram o movimento social para promover uma ação religiosa no terreno que visava expulsar os seus demônios, em prol de uma boa relação com todos o movimento permitiu a campanha:

De vez em quando eles fazem umas campanhas aqui dentro e a gente aceita, até mesmo porque não queremos ter enfrentamento, e inclusive para pacificar a ocupação naquele período que teve violência, segundo eles tiraram um tanto de demônio, e eu disse: “*Beleza, então tira.*” (Amorim, 2014, entrevista)

O morador Misael Rubens Moreira é pastor de uma dessas igrejas evangélicas, e afirma que o sucesso até agora da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá se deve ao grupo de

oração que mora no lugar e tem uma “reza muito forte” e promove seções de oração nos Sábados (MOREIRA, 2014, entrevista).

A cultura, os saberes, as identidades e os modos de vida dos moradores das ocupações urbanas devem ser considerados e estudados para a construção de um planejamento urbano promovido por militantes e ativistas sociais que promova de fato uma cidade que permita a diversidade e o conflito entre as diferentes classes sociais que se envolvem no evento político da ocupação urbana.

Bibliografia

ARENDT, Hannah. A condição humana. 10ª ed. – Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.

CAVALCANTI, Clóvis. ‘Escolhas autocráticas e vida de horrores: o caso da política habitacional’, in: *Invasões Urbanas: Conflitos de Direito de Propriedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, pp. 247–262.

MENEZES NETO, Antonio Julio. A ética da Teologia da Libertação e o espírito do socialismo no MST. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. Questão de Classe: teorias e debates acerca das classes sociais nos dias de hoje. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2004.

SOUZA, Jessé. A Ralé Brasileira: Quem é e como vive. 1ª Reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Jessé. Os batalhadores brasileiros: a nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. ‘Introdução: A ‘Nova Geração’ de movimentos sociais urbanos – E a nova onda de interesse acadêmico pelo assunto’, in: *Cidades: Revista científica/Grupo de Estudos Urbanos*. São Paulo, v.6, n.9, pp. 9–26, jan/jun. 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de; TEIXEIRA Eduardo Tomazine. ‘Fincando bandeiras, ressignificando os espaço: Territórios e “lugares” do movimento dos sem-teto’, in: *Cidades: Revista científica/Grupo de Estudos Urbanos*. São Paulo, v.6, n.9, pp. 29–66, jan/jun. 2009.

Entrevistas

AMORIM, Lacerda dos Santos. Entrevista Lacerda dos Santos Amorim. 13 fev. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.

ANJOS, Junio César dos. Entrevista com o morador das Ocupações Dandara e Emanuel Guarani Kaiowá e militante das Brigadas Populares Junio César dos Anjos. 16 jan. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.

BENTO, Ana Silva Nascimento; MARQUES, José. Entrevista com os moradores da Ocupação Dandara: Ana Silva Nascimento Bento e José Marques. 19 fev. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.

CABRAL, Sandro Alberto. Entrevista Sandro Alberto Cabral. 06 mar. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.

CRUZ, Luciana da. Entrevista Luciana da Cruz. 03 jan. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.

LIMA, Wagna Vieira; SANTOS, Felter Rodrigues dos. Entrevista com os moradores da Ocupação Dandara Felter Rodrigues dos Santos e Wagna Vieira Lima. 30 jan. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.

LOPES, Orlando Soares. Entrevista Orlando Soares Lopes. 03 jan. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.

LUCAS, Deusiana da Silva. Entrevista Deusiana da Silva Lucas. 12 fev. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.

MOREIRA, Misael Rubens. Entrevista Pastor Misael Rubens Moreira. 06 jan. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.

OLIVEIRA, Fernanda Vieira de. Entrevista com Fernanda Vieira de Oliveira. 07 mar. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.

SILVA, André Luiz Gomes e; ESPESCHIT, Érica Coelho. Entrevista com André Luiz Gomes e Silva e Érica Coelho Espechit. 26 fev. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.

SILVA, Maura da; VIDAL, Jéssica Natasha da Cruz. Entrevista com as moradoras da Ocupação Emanuel Guarani Kaiowá Felter Jéssica Natasha da Cruz Vidal e Maura da Silva. 14 jan. 2014. Entrevista concedida a Tiago Castelo Branco Lourenço.